

Classe média 'by' FGV ganha 2,2 mínimos

Segundo o economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), até agora o que classifica como "a emergente classe C" – abrange a faixa de renda domiciliar entre R\$ 1.115 até R\$ 4.807 – não teria sido afetada pela crise mundial, que se agravou no último semestre do ano passado.

Já a faixa AB, com renda familiar acima de R\$ 4.807,00, teve queda de participação de 0,65%, no mesmo período. Ou seja, num primeiro momento, quem mais sofre com a crise é a classe média.

"Tanto no Brasil, quanto no resto do mundo, quem está perdendo mais com esta crise são os mais ricos", opinou, acrescentando que a classe E continua diminuindo no país.

O estudo dele, porém, considera apenas a renda do trabalho, ignorando a advinda de ganhos financeiros, como ações, aluguéis e juros. Com isso, deixa de fora os principais ganhos dos efetivamente ricos, inflando a classe média de forma irreal.

Nericalcula, porexemplo, que,

desde 2003, a participação da classe C, que apelidou de "a nova classe média", teve ganho de participação de 25%, subindo 10,8 pontos percentuais. Já a Classe AB, no mesmo período, teria crescido 43,8%, ganhando 4,6 pontos de participação.

"Mas a crise pode estar empurrando gente para a classe C", ratificou, alegando, no entanto, que, até aqui, a perda da Classe AB não é maior do que a verificada no período recessivo de 2002/2003.

Ele disse, ainda, que os setores financeiro e industrial são os que mais sofrem com a crise, "mas o emprego no comércio e nos serviços são mais importantes no que tange à questão da desigualdade e da pobreza", ressaltou.

E acrescentou que, por enquanto, o Brasil continua "dando sorte" em relação ao cenário externo, por ter como baixar a carga tributária, aumentar o Bolsa Família, entre outras medidas classificadas por ele como "keynesianas", sem mencionar, porém, o aumento dos gastos públicos.